

Aníbal Mattos: fomentador das artes plásticas na Belo Horizonte do início do século XX

Cláudia Ayer

Bacharel em Ciências Sociais/UFMG e pesquisadora do NECC/UFMG
claudiaayer@gmail.com

Danielle Uchoa

Bacharel em Ciências Sociais/UFMG e pesquisadora do NECC/UFMG
nielerods@gmail.com

Inês Quiroga

Bacharel em Ciências Sociais/UFMG e pesquisadora do NECC/UFMG
inesitaquioga@hotmail.com

João Ivo Duarte Guimarães

Mestrando em Sociologia/UFMG e pesquisador do NECC/UFMG
joaivoduarteguimaraes@yahoo.com.br

Raquel Rodrigues

Bacharel em Ciências Sociais/UFMG, pesquisadora do NECC/UFMG
raquel.srodrigues@uol.com.br

Sarah de Barros Viana Hissa

Mestranda em Antropologia/UFMG
sarahhissa@hotmail.com

Resumo: O mundo das artes plásticas na Belo Horizonte do início do século XX é usualmente caracterizado como essencialmente precário, tradicional e acadêmico. Esse artigo investiga esse momento e ambiente, focalizando a figura essencial de Aníbal Mattos e buscando averiguar a validade dessa caracterização recorrente. A atuação do fluminense Aníbal Mattos no fomento artístico e articulação do meio em Belo Horizonte foi decisiva, de modo que a ênfase do artigo envolve algo de sua abrangente trajetória pessoal e institucional nos meios intelectual e artístico da época. Mattos aparece como uma figura dinâmica e fundamental na integração dos artistas e interessados, por meio da promoção de exposições e instituições de ensino, ainda que efêmeras. A caracterização de Mattos como articulador de tal relevância lança dúvidas sobre certas determinações correntes acerca da atuação do artista frente a tentativas modernistas, assim como a tradicional dualidade entre academicismo e modernismo.

Palavras-chave: Aníbal Mattos, artes plásticas, Belo Horizonte.

Abstract: The world of plastic arts in Belo Horizonte in the early 20th century is typically characterised as inherently precarious, traditional and academic. This article investigates this period and environment, using as a focal point the essential figure of Aníbal Mattos, and questions the validity of this recurrent characterization. The authors assert that Mattos' role in the incentiviation and articulation of the artistic environment in Belo Horizonte was decisive, so much so that the emphases of this article also incorporates some observations of his personal and institutional trajectory in the intellectual and artistic environment of the time. Within this article it is argued that Mattos should be seen as a dynamic individual, fundamental to the integration of artists and other interested parties, by promoting exhibitions and education institutions, even if only short lived. This characterization of Mattos as an articulator of such relevance raises doubts concerning certain common assumptions about the artist's actions towards the modernist movement, as well as the popularly perceived duality between academicism and modernism.

Key words: Anibal Mattos, plastic arts, Belo Horizonte.

Introdução

O mundo das artes plásticas na Belo Horizonte do início do século XX é usualmente caracterizado como essencialmente precário, tradicional e acadêmico. Esse artigo investiga esse momento e ambiente, focalizando a figura central de Aníbal Mattos e buscando averiguar a validade dessa caracterização corrente. Grande parte dos historiadores que se debruçaram sobre o estudo das artes plásticas em Minas Gerais foca suas análises nos eventos que ocorrem a partir de 1940. A partir dessa data é possível observar os indícios mais evidentes da emergência de uma estética de caráter moderno nas artes plásticas. Segundo Ivone Luzia Vieira, “o nível de grandeza da modernidade do período de Kubitscheck na *Prefeitura de Belo Horizonte*, no período de 1940 a 1945, reduziu a historicidade dos acontecimentos modernistas que o antecederam”¹. Dessa forma, em nossa pesquisa diagnosticamos a existência de uma lacuna nos estudos acerca das manifestações artístico-culturais das décadas anteriores. Propomos-nos, então, a revelar o cenário das artes nas décadas de 20 e 30, em Belo Horizonte. Ao adentrar esse período, nos deparamos com a figura de Aníbal Mattos.

A atuação do fluminense Aníbal Mattos em Belo Horizonte, no fomento artístico e articulação do meio artístico, foi decisiva, de modo que enfatizaremos aspectos de sua abrangente trajetória pessoal e institucional no meio intelectual e artístico da época. Mattos aparece como uma figura dinâmica e fundamental na integração dos artistas e interessados, por meio da promoção de exposições e instituições de ensino, ainda que efêmeras. A caracterização de Mattos como articulador de tal relevância lança dúvidas sobre certas determinações correntes acerca da atuação do artista frente a tentativas modernistas, assim como a tradicional dualidade entre academicismo e modernismo.

Iniciaremos a discussão com uma breve revisão bibliográfica de estudos que trataram da arte em Minas Gerais, ressaltando que alguns desses trabalhos pouco mencionam a importância de Aníbal Mattos como promotor cultural. Posteriormente, apresentaremos o cenário cultural do período apontando as principais iniciativas, desde a construção da capital mineira até a chegada e atuação de Aníbal Mattos. Por fim, realizaremos uma reflexão sobre a pessoa de Mattos e as várias atividades desenvolvidas por ele.

Uma breve revisão da literatura

A literatura dedicada à produção artística mineira contempla, sobretudo, a emergência do modernismo nas artes plásticas, enfocando o seu atraso em relação ao movimento modernista literário. Fernando Correia Dias parece ter sido o primeiro a constatar essa defasagem. Segundo

Dias, uma vez que as manifestações do movimento modernista na literatura paulista e na mineira são praticamente contemporâneas, “pode-se perguntar por que motivos não ocorreram em Minas expressões artísticas no campo plástico e musical, ao contrário do que acontece no ambiente paulista”². Para responder essa questão, Dias avança a hipótese de que em São Paulo as artes plásticas contavam com um grau maior de institucionalização, “o que facilitaria a simples mudança de rumo”³. Por outro lado, Belo Horizonte quase não possuía instituições artísticas, tais como museus, galerias, escolas de arte, etc. Além disso, o autor menciona o maior cosmopolitismo no campo intelectual paulistano e a presença, mais significativa do que em Belo Horizonte, de imigrantes estrangeiros: o que teria contribuído para a intensificação do contato com as vanguardas estéticas da Europa.

Segundo a historiadora Cristina Ávila Santos, em *Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto*, enquanto os literatos mineiros engajam-se na revolução modernista (por exemplo, o grupo de escritores liderados por Carlos Drummond de Andrade, que criou *A Revista* em 1925), “as artes plásticas encontram-se totalmente estagnadas, perfeitamente acomodadas ainda à atmosfera acadêmica, com seus artistas sequer ultrapassando a ‘revolução impressionista’”⁴. Segundo a autora, a despeito da “aura de modernidade” presente na implantação da capital, Belo Horizonte era ainda uma cidade bem provinciana nas décadas de 20 e 30. O tradicionalismo de suas elites dirigentes encontrava-se espalhado pela produção intelectual do período. Não obstante esse tradicionalismo, “será nesse meio retrógrado que vão surgir os modernistas da literatura”, e, se os literatos mineiros, mesmo integrados a esse contexto, conseguiram se aperfeiçoar e abraçar um novo panorama estético-ideológico, “seria lógico que haveria possibilidade do surgimento de artistas plásticos que fossem também componentes dessa ‘nova arte’”⁵.

Bem, contrariando essa “lógica”, as artes plásticas daquele período mantiveram-se distantes do modernismo, apegadas a uma arte naturalista, de documentação da realidade, salvo, ressalta Cristina Ávila Santos, a exposição modernista de Zina Aita, em 1920. A artista é considerada por Santos a precursora do modernismo plástico em Minas Gerais. Além da exposição de Zina Aita, a autora menciona também a atuação de Pedro Nava nas artes plásticas. Atuação, no entanto, que se restringe a ilustrações esparsas em livros e alguns trabalhos inseridos na revista *Verde*, de Cataguases. Durante a década de 30, a situação permanece a mesma: no que tange às artes plásticas, a hegemonia acadêmica persiste incontestada. O quadro só começou a mudar na década de 40, quando Kubitscheck, à

¹VIEIRA, Ivone Luzia. *Vanguarda modernista nas artes plásticas*: Zina Aita e Pedro Nava nas Minas Gerais da década de 20. São Paulo: 1994, p.5.

²DIAS, Fernando Correia. *Gênese e Expressão Grupal do Modernismo em Minas*. In: ÁVILA, Afonso (org.). *O Modernismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975, p.177.

³DIAS, Fernando Correia. *Gênese e Expressão Grupal do Modernismo em Minas*, p.117.

⁴SANTOS, Cristina A. *Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto*. *Análise & Conjuntura*, Belo Horizonte (1), janeiro/abril 1986, p.174.

⁵SANTOS, Cristina A. *Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto*, p.190.

frente da Prefeitura, reuniu artistas do quilate de Niemeyer, Portinari e Guignard para aqui trabalharem.

A autora avança duas hipóteses para explicar a defasagem das artes plásticas belo-horizontinas naquele período. Uma explicação possível consistiria na inexistência de outros pintores, ou pintoras, à exceção dos já citados Zina Aita e Pedro Nava. Outra possibilidade levantada por Santos é o estudo da personalidade e da influência de Aníbal Mattos em Minas.

O pintor fluminense Aníbal Mattos, desde a sua chegada à capital mineira em 1917, mobilizou todas as manifestações artísticas da cidade. Em 1917, Mattos criou a *Sociedade Mineira de Belas Artes*. Essa instituição patrocinou durante quinze anos consecutivos quinze exposições gerais de belas artes. Nesse mesmo ano, ele fundou a *Escola de Belas Artes* (antiga *Fundação Universitária Mineira de Arte-FUMA*), instituição que passou a receber subvenção federal a partir de 1934. Curiosamente, dado o suposto academicismo de Aníbal Mattos, a exposição de Zina Aita foi patrocinada pela *Sociedade Mineira de Belas Artes*, sob a direção de Mattos (que foi também o curador da exposição, além de divulgar nos dois grandes jornais da época as qualidades artísticas da jovem pintora). Se a sua atuação dinamizou o “frágil ambiente artístico” da época, reteve, por outro lado, “o processo natural de evolução que deveria se dar através do contato com as novidades de fora e o aperfeiçoamento da formação acadêmica mineira”⁶. Segundo Santos, Aníbal Mattos teria impedido o surgimento de manifestações estéticas diversas daquelas que sua suposta ortodoxia aceitava. A *Escola de Belas Artes* fundada em 1917 por Aníbal Mattos representaria a importação dos padrões neoclássicos para a capital mineira.

Para explicar como foi possível Aníbal Mattos ocupar uma posição dominante durante mais de duas décadas, Santos defende a hipótese da existência de um *mecenato estatal*, que durante a República Velha atuou como protetor das artes. Agindo como mecenas das artes e das letras locais, a elite dirigente perremista instalada no governo do Estado de Minas Gerais conseguiu controlar as manifestações artísticas e literárias locais – não se importando com as concepções formais, estéticas, mas sim com a “sua absorção e controle de algum modo, tornando a cultura uma consciente ou inconsciente ‘aderência’ ao sistema”⁷. Dessa forma, tanto Aníbal Mattos, paladino do academicismo nas artes plásticas, quanto “o grupo modernista mineiro” estariam “sofrendo a influência do Estado e agindo como intelectuais orgânicos da classe dominante”⁸.

Ivone Luzia Vieira, em *Vanguarda modernista nas artes plásticas: Zina Aita e Pedro Nava nas Minas Gerais da década de 20*, sustenta que a história da arte moderna em Belo Horizonte divide-se em três

momentos: o contido, o revelado e o explosivo. Na década de 20, prevalece um período de contenção das realidades vanguardistas do modernismo, sendo a exposição de Zina Aita, ocorrida em 1920, representante deste momento. Na década de 30, com a Exposição do Bar Brasil, em 1936, acontece a revelação do modernismo, quando o movimento toma consciência de si mesmo. Finalmente, na década de 40, a Exposição de Arte Moderna de 1944 marca a “explosão da arte modernista para fora da moldura tradicional”⁹. Segundo Vieira, desde os anos 20 havia vanguardas modernistas exercendo pressão pela abertura de espaço no campo das artes plásticas em Belo Horizonte. No entanto, preocupado com o avanço dos movimentos modernistas da Europa, notadamente o futurismo, o governo aciona medidas controladoras dos meios de produção da cultura artística da cidade. Recuperando o argumento do mecenato estatal, a autora atribui ao Estado a responsabilidade por iniciativas visando bloquear o avanço do modernismo. Nesse sentido, o senador Crispim Jacques Bias Fortes, convidou, em 1917, o pintor fluminense Aníbal Mattos, formado pela *Escola Nacional de Belas Artes*, “para criar instituições de belas artes na cidade em conjunção com os valores do sistema”¹⁰. Aceitando o convite, Aníbal Mattos mudou-se para Belo Horizonte em 1917 e passou a coordenar ações vinculadas às artes, produzindo e promovendo, portanto, uma arte “em consonância com o gosto da burguesia dominante”¹¹.

Vale a pena mencionar também o estudo de Fernando Pedro da Silva sobre as artes em Belo Horizonte nos anos 20 e 30. Opondo-se à linha interpretativa mostrada até agora, Silva denuncia a resistência por parte dos estudiosos em adentrar mais a fundo as manifestações artísticas que não pertencem aos cânones modernistas. Essa má vontade dos pesquisadores incide nos conceitos utilizados em seus trabalhos, “muito mais rotuladores do processo que explicativos do mesmo”¹². Aníbal Mattos, de acordo com Silva, teria sido vítima dessa resistência dos pesquisadores, “sendo meramente rotulado por estes como o responsável pelo atraso das artes na Cidade”¹³. Segundo Silva, Aníbal Mattos, desde a sua chegada à capital em 1917, atuou como dinamizador do mercado das artes na cidade, principalmente através da *Sociedade Mineira de Belas Artes*, instituição encarregada pela promoção da vida artística naquele período. Infelizmente, o estudo de Silva não fornece muitos subsídios para as teses que ele propõe, permanecendo como uma proposta de pesquisa a ser aprofundada por novos estudos.

Neste breve passeio pela literatura podemos perceber, apesar dos autores não enfatizarem a figura de Aníbal Mattos, a centralidade do mesmo no campo artístico mineiro nas décadas de 1920 e 1930. De fato, todos os acontecimentos ligados à história da arte em Belo Horizonte estiveram marca-

⁶SANTOS, Cristina A. Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto, p.192.

⁷SANTOS, Cristina A. Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto, p.194.

⁸SANTOS, Cristina A. Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto, p.167.

⁹VIEIRA, Ivone Luzia. *Vanguarda modernista nas artes plásticas: Zina Aita e Pedro Nava nas Minas Gerais da década de 20*, p.7.

¹⁰Bias Fortes fora presidente do Estado de Minas Gerais durante o Governo Provisório instalado após a Proclamação da República. Ele presidiu o Estado de 1890 a 1898. Isto explica por que, em seu texto, Ivone Luzia Vieira trata-o por presidente do Estado. À época da transferência de Aníbal Mattos para Belo Horizonte, o governador em exercício era Delfim Moreira Costa Ribeiro, 1914-1918.

¹¹VIEIRA, Ivone Luzia. *Emergência do Modernismo*. In: ANDRÉS RIBEIRO, Marília e SILVA, Fernando Pedro. *Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, C/Arte, 1997, p.127.

¹²VIEIRA, Ivone Luzia. *Emergência do Modernismo*, p.129.

¹³SILVA, Fernando Pedro. *Aspectos das artes em Belo Horizonte nos 20 e 30*. *Revista do Departamento de História*. FAFICH/UFMG. v. 08, p. 47-57, Janeiro de 1989, p.49.

dos pela sua presença: a exposição modernista de Zina Aita em 1920 foi patrocinada pela Sociedade Mineira de Belas Artes, da qual ele foi o fundador e “presidente perpétuo”; em 1936, ocorre a Exposição de Arte Moderna do Bar Brasil, em oposição à hegemonia acadêmica de Aníbal Mattos; os Salões da Prefeitura, exposições anuais patrocinadas pela Prefeitura de Belo Horizonte nos últimos anos da década de 30, concebidos como espaço de expressão dos artistas modernos, foram organizados por Mattos. Finalmente, após a chegada de Guignard, em 1944, uma luta político-ideológica é travada no interior do campo artístico mineiro encontrando-se, de um lado, o método modernista de Guignard, privilegiando a interpretação da realidade e, do outro, o academicismo de Mattos, “que valorizava a pintura figurativa do real”¹⁴. Salvo o estudo de Fernando Pedro da Silva, Aníbal Mattos é considerado o representante do academicismo na capital, responsável pelo bloqueio das manifestações modernistas naquele período. A sua ação conservadora é evocada para explicar a defasagem já mencionada entre a literatura e as artes plásticas, sendo utilizados, para explicar a conjuntura das artes plásticas em Minas Gerais, determinados traços da sua biografia, em especial sua formação acadêmica.

Antes de Aníbal Mattos: o cenário artístico em Belo Horizonte antes de 1917

Conhecida até o ano de 1890 como Curral Del Rei, a capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, se apresentava como um pacato lugar que tinha como ambiente de sociabilidade até então as proximidades da igreja N. Sra da Boa Viagem. Em 17 de dezembro de 1893, fora aprovada na ementa constitucional a mudança da capital de Minas, de Ouro Preto para Belo Horizonte, sendo estabelecido um prazo de quatro anos para a mudança definitiva. Era preciso, no entanto, construir o local que abrigasse a capital, pois Belo Horizonte nesse tempo se limitava a um pequeno povoado sem atrativos econômicos e nenhuma infra-estrutura. Com o tempo, esse aspecto foi se modificando, embora muito lentamente. A vinda de imigrantes, a abertura de alguns estabelecimentos comerciais e a construção de prédios (principalmente administrativos) e casas foram uma constante ao longo do tempo. O engenheiro responsável pelo planejamento da cidade, Aarão Reis, que ficou na chefia de 1894 a 1895, fizera juntamente com Américo de Macedo a planta da cidade, recebendo notáveis elogios pela imprensa nacional.

Belo Horizonte foi escolhida como capital do Estado para abrigar também os propósitos modernizantes de seus idealizadores em meio “aos novos tempos advindos com a Proclamação da República”¹⁵. Como era necessário até mesmo construir suas instituições e a vida social da nova

cidade, assim se encontrava também o incipiente “cenário” cultural, que pelo menos nos seus primeiros anos, se limitava às iniciativas privadas. Os principais eventos e instituições culturais não eram de tutela do Estado, mas sim, espaços quase domésticos resultantes dos interesses particulares. Alguns exemplos são a fundação de uma biblioteca feita por determinados membros da comissão construtora em 27 de agosto de 1894, chamada *Sociedade Literária Belo Horizonte*, e o *Museu Paula Oliveira*, denominado assim em homenagem ao Dr. Francisco de Paula Oliveira. Esse grupo desejava com isso distração e alguma atividade diante de suas permanências no arraial. A cidade, em seus primeiros anos, era habitada por imigrantes estrangeiros e outros advindos de regiões mineiras como Ouro Preto. Eram, em sua maioria, homens letrados que compunham o corpo do funcionalismo público, e por isso tinham certas necessidades culturais. Caberia ao Estado, com o tempo, intervir para fornecer nesta área – cultural, educacional, artística e de lazer – opções para toda a população, se bem que muitos criticavam a atuação dele, trazendo à tona sua ineficiência e visão estreita, principalmente a do *Partido Republicano Mineiro*. Tanto o Estado quanto a iniciativa privada firmavam parcerias para promover estas programações culturais e de lazer. A intenção era incentivar a habitação em Belo Horizonte: “Era preciso criar atrativos para atrair e fixar a população da nova capital”¹⁶. Mas se faz necessário lembrar também que “até a década de 20 o atendimento dessas necessidades culturais por parte do Estado parecia deixar muito a desejar: isso em parte se explica pela extensão dos trabalhos da comissão construtora, só concluídos em 1915, em parte devido à crise econômica decorrente da Primeira Guerra Mundial e do endividamento do Estado”¹⁷.

A imprensa local era bem escassa, mas contava com cinco jornais até a inauguração da cidade, porém todos de curta duração. A primeira publicação se chamava *Revista Geral dos Trabalhos*, que destinava a registrar e descrever os aspectos da construção da capital, que já no segundo fascículo fora extinta. Já os assuntos sobre arte eram negligenciados. Duas revistas, *Vita* e *Vida de Minas*, ambas literárias, dariam uma atenção maior aos artistas e às suas produções. Apesar de marcarem época, não durariam muito.

Por uma iniciativa dos Srs. Aurélio Lobo, Coronel Daniel da Rocha e o Sr. Carlos Monte Verde foi montado em setembro de 1895 um *Teatro Provisório* localizado na Rua Sabará, que segundo as palavras de Abílio Barreto era um “tosco barracão térreo, coberto de zinco, desprovido do menor conforto e sem qualquer vestígio de bom gosto”¹⁸. Nesse local, algumas companhias de teatro se apresentaram, como a companhia de Zarzuelas Felix Amurrio, a

¹⁴SILVA, Fernando Pedro. Aspectos das artes em Belo Horizonte nos 20 e 30, p.49.

¹⁵FÍGOLI, Leonardo H. G. A Paisagem como Dimensão Simbólica do Espaço: o mito e a obra de arte. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 10, n.1. jan/jun 2007. Goiás: UFG, p.2006.

¹⁶COELHO, Maria Beatriz; FÍGOLI, Leonardo, H.G.;V.; NORONHA, Ronaldo. *O antigo e o moderno: o campo artístico em Belo Horizonte no início do século XX*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32, 2008, Caxambu. Disponível em: <http://200.152.208.135/anpocs/trab/adm/imprensa/_gt.php?id_grupo=6&publico=S>. Acesso em: 15 dez.2008.

¹⁷S/AUTOR. BH 100 anos: Nossa História. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte: 1996, p.21.

¹⁸COELHO, Maria Beatriz; FÍGOLI, Leonardo, H.G.;V.; NORONHA, Ronaldo. *O antigo e o moderno: o campo artístico em Belo Horizonte no início do século XX*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32, 2008, Caxambu. Disponível em: <http://200.152.208.135/anpocs/trab/adm/imprensa/_gt.php?id_grupo=6&publico=S>. Acesso em: 15 dez.2008.

companhia dramática e de operetas *Cardoso da Mota*, o ilusionista Pismel, e a *Companhia de Operetas Machado* (Careca). Esse local foi demolido em 22 de Julho de 1897. A diversão dos belo-horizontinos na época se restringia a esses espetáculos no *Teatro Provisório* e de vez em quando algumas touradas e cavalhadas, ou também alguns circos de cavaleiros. Nesse tempo houve alguns concertos musicais e o aparecimento do primeiro fonógrafo. O primeiro teatro que a capital teve depois de sua inauguração fora criado pelo Sr. Paulino da Fonseca Saraiva, que adaptou uma casa na Avenida do Comércio, chamando-a de *Variiedades*, que funcionou até 1900. Neste mesmo ano, Francisco Soucasseaux “transformou um barracão que havia no quarteirão entre as ruas da Bahia, Goiás e Avenida Afonso Pena, em confortável teatro a que o povo deu a denominação de teatro Soucasseaux”¹⁹. Decorado pelo pintor Bertolino Machado e inaugurado pela companhia Soares de Medeiros funcionou até 1905. Como descreve Abílio Barreto, o teatro “ficava dentro de um jardim fechado a arame farpado e aí havia um coreto em que bandas de música efetuavam retretas”²⁰.

Quando da interdição desse teatro, outro foi criado improvisadamente. De nome *Teatrinho Paris* e localizado na Rua da Bahia, teve temporadas e um cinematógrafo. Em 1909, o *Teatro Municipal* foi inaugurado pela companhia *Nina Sanzi*, ele funcionou até 1942, promovendo peças teatrais, concertos, recitais, festivais e outros. O terreno foi vendido para a empresa *Cine-teatro*, sendo convertido no cine-teatro Metrópole.

Nas primeiras décadas da capital, o lazer era constituído pelos cafés, clubes, teatros, cinemas e pelo *footing*. Ainda que pelos poucos encontrados até então. “As atividades literárias, artísticas e recreativas aconteciam em clubes sociais organizados com essas finalidades”²¹. Era nesses clubes que circulava a ala intelectual da cidade. Esses lugares promoviam palestras literárias, encontros de arte e outras atividades relacionadas. Dentre esses clubes o que se destacava era o *Jardineiros do ideal*, que segundo as palavras de Abílio Barreto “constituíam o núcleo primeiro da nossa intelectualidade”²². Era formado por doze literatos que tinha por objetivo “cultivar e incentivar as letras, as artes e a sociabilidade”²³. Foi a partir das atividades que ocorriam nesses lugares que a literatura e as artes em Belo Horizonte surgiram. Além disso, algumas associações culturais e sociedades recreativas atuavam em Belo Horizonte difundindo e cooperando para a produção e divulgação, mesmo que elementares, das artes. Para citar algumas: *Academia de ciências de Minas Gerais*, *Sociedade brasileira de cultura inglesa*, *Sociedade de cultura Franco-brasileira*, *Academia Belo Horizonte de letras*, *Academia mineira de letras*, *Instituto histórico e geográfico de Minas Gerais*, *Clube Belo*

Horizonte, dentre outras.

Porém, um artigo crítico escrito por José Clemente publicado no jornal *Estado de Minas* aponta Belo Horizonte como um local que abrigava muitos artistas na pintura, na música, no canto. Mas segundo ele “[...] não havia o que apontar como ‘Arte em Belo Horizonte’”. Porque faltava comunicação entre os artistas, para assegurar, convincentemente, que ela era uma capital artística²⁴. Era necessário que os artistas realizassem seus estudos no exterior para receber seu devido reconhecimento. E a imprensa, como já referido neste artigo, descurava assuntos concernentes às artes. Esta situação só mudaria com a vinda de Aníbal Mattos em 1917:

Foi ele quem chamou esses valores dispersos, encolhidos. Promoveu deles a união, com aquele fogo idealístico que era a marca de Aníbal. Junto os pintores da capital e do Estado e fez aqui a 1^o Exposição Mineira de Belas Artes e nunca mais parou. [...] Foi indiscutivelmente ele quem deu corpo, por essa conclamação de artistas, à pintura em Belo Horizonte. Acudiram os que estavam desanimados e outros surgiram²⁵.

Aníbal já viera a Belo Horizonte em 1913 “em busca de descanso e do clima ameno”²⁶, mas somente em 1917 iria estabelecer residência fixa na cidade. Ano esse que também é apontado como impulsionador das artes plásticas: “Foi em 1917 que as artes plásticas ganharam impulso”²⁷. Anos mais tarde é a vez de Guignard fixar residência em Belo Horizonte, mas encontrou aqui um “interesse pela pintura já despertado (...) e realizou no terreno aplainado por Aníbal, a sua grande obra”²⁸. José Clemente termina seu argumento afirmando ser, tanto Aníbal Mattos quanto Guignard, dois ban-deirantes na pintura em Minas.

Aníbal Mattos: breve biografia

Aníbal Pinto de Mattos, nascido em Vassouras, Rio de Janeiro, a 26 de outubro 1889, teve sua formação inicial em artes no *Liceu de Artes e Ofícios* do Rio de Janeiro e posteriormente na *Escola Nacional de Belas Artes (ENBA)*. Na *ENBA*, a formação de Mattos deu-se sob a influência pedagógica deixada por Grimm e a influência estilística do paisagismo de Batista da Costa. Mattos esteve pela primeira vez na capital mineira em 1913, onde expôs seus trabalhos. Sua transferência definitiva para Belo Horizonte se deu somente em 1917, a convite do então senador Bias Fortes, que o contratou como professor da *Escola Normal Modelo*, residindo na Avenida Araguaia (atual Avenida Francisco Sales), n. 1446. Mattos foi casado com a artista Maria Esther Mattos, com quem realizou várias exposições coletivas e iniciativas de fomento às artes.

A atuação de Aníbal Mattos em Minas Gerais foi ampla, abrangendo as áreas da arqueologia pré-

¹⁹BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte (1701 – 1947)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950, p.121.

²⁰BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte*, p.232.

²¹BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte*, p.232.

²²S/AUTOR. *BH 100 anos: Nossa História*, p.21.

²³BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte*, p.274.

²⁴BARRETO, Abílio. *Resumo Histórico de Belo Horizonte*, p.274.

²⁵CLEMENTE, José. *Jornal Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 nov. 197. In: *Coisas da capital já passada*. ANDRADE, Moacyr. *Revista Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1982, p.269-270.

²⁶CLEMENTE, José. *Jornal Estado de Minas*, p.271.

²⁷SANTOS, Cristina Ávila. *Aníbal Mattos e seu Tempo*. Belo Horizonte: Ed. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1991, p.10.

²⁸S/AUTOR. *BH 100 anos: Nossa História*, p.29.

histórica, da antropologia, da história, da literatura, do teatro, do cinema e do jornalismo, sendo que nas áreas onde não havia se graduado formalmente, foi autodidata, o que demonstra sua flexibilidade de trânsito entre as áreas do conhecimento e a amplitude de seu interesse e influência. Publicou livros em história da arte, focalizando o patrimônio colonial barroco, e também em pré-história, especialmente sobre o homem de Lagoa Santa. Escreveu várias peças teatrais, sendo que uma delas, *Canção da Primavera*, adaptada para o cinema. Além disso, Mattos ocupou diversos cargos administrativos: primeiro vice-presidente da *Academia de Ciências de Minas Geraes* (quando da sua criação em 1936); a presidência (por mais de uma vez entre as décadas de 30 e 40) e a tesouraria da *Academia Mineira de Letras*, assim como diretoria da revista dessa instituição. Foi, ainda, designado representante da *Sociedade Mineira de Bellas Artes* para o estado de Minas; foi patrono da cadeira 96 do *Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, em 1929; tornou-se membro do *Conselho Nacional de Belas Artes*, desde 1933; foi sócio benemérito da *Sociedade Brasileira de Belas Artes* do Rio de Janeiro, em 1935; representou o Brasil no Congresso Internacional de Antropologia na Filadélfia, 1937; foi presidente do *Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, em 1937 e foi presidente do *Rotary club de Belo Horizonte*, em 1948.

Na *Academia Mineira de Letras* (AML), Aníbal Mattos tornou-se membro em 1923, ocupando a primeira sucessão da cadeira 37, cujo patrono é Manoel Basílio da Gama. Na seção de 15 de agosto do referido ano, profere seu discurso de posse, *No limiar da Academia Mineira de Letras*, onde discute a necessidade de engajamento da Academia em problemas sociais relativos à educação, ressaltando em especial o problema do analfabetismo. Mattos foi eleito para a presidência da AML duas vezes, atuando entre os anos de 1931 a 1934, e de 1939 a 1942. Além de participar da presidência da AML, Mattos participou do corpo editorial da *Revista da Academia Mineira de Letras* durante vários anos da década de 20.

Além disso, no campo educacional, lecionou na *Escola Normal Modelo* em 1917; lecionou desenho e artes gráficas no *Ginásio Mineiro de Belo Horizonte* em 1923; desenho figurado e caligrafia na *Escola Normal Modelo* em 1925; gratuitamente na *Escola de Belas Artes*, criada em 1927; desenho, novamente, na *Escola Normal* em 1931 e, finalmente, desenho artístico na *Escola de Arquitetura* da atual UFMG, de 1930 até 1957, quando, então, aposentou-se. Como jornalista, Mattos e José Osvaldo de Araújo criam a revista *Novella Mineira*, em 1922, e Mattos, sob os pseudônimos Fly, Dr. Perlingotes e Braz Fogaça, escreveu para jornais como o *Diário de Minas*. Essa intensa participação de Aníbal Mattos no cenário intelectual mineiro aponta para sua caracterização como um personagem dinâmi-

co, bem relacionado e aceito no meio, dotado de interesses amplos e poder social abrangente.

No que se refere ao mundo das artes plásticas, Aníbal Mattos atuou de duas maneiras analiticamente distintas no ambiente plástico: empreendedor e artista plástico. No ano de 1917, Mattos se envolve com dois projetos de relativa magnitude para o mundo das artes plásticas da época: a I Exposição Geral de Belas Artes (em que também expôs trabalhos próprios) e a primeira tentativa da década de constituir uma escola de belas artes na cidade. Seu dinamismo e interesse em criar instâncias de fomento às artes, dá início às atividades da *Sociedade Mineira de Belas Artes* (SMBA), em 1918, junto a outros artistas e promotores de arte. Além de Mattos, Osvaldo de Araújo, Celso Werneck, Honório Esteves, Eduardo Frieiro, Olindo Belém, Amílcar Agretti e Maria Esther Mattos, entre outros, participaram dessa iniciativa inovadora, sendo que participaram também da sua primeira diretoria pintores como Francisco Rocha e José Jacinto das Neves. Sua atuação de incentivo e divulgação das artes plásticas passa a ser intimamente associada à atuação dessa associação, através da qual buscou patrocinar exposições individuais e coletivas, palestras e cursos sobre arte, durante as décadas de 20 e 30 do século XX.

Em jornal da época, o objetivo da SMBA é caracterizado como tendo “fim principal levar adiante a idéia de nossas exposições anuais de arte, a propagação do ensino profissional artístico”²⁹, além de caracterizar a associação como de iniciativa de Aníbal Mattos. A *Sociedade Mineira de Belas Artes* participou da realização das Exposições Gerais de Belas Artes e, a partir de 1918, de exposições individuais, como a exposição de Zina Aita em 1920, o I Salão Feminino de Belas Artes, em 1932, e a Primeira Exposição Coletiva de Artistas Mineiros, realizada em SP em 1933.

Aníbal Mattos, antes da criação da SMBA, havia inaugurado a *Escola Prática de Belas Artes* (sob sua direção), em 07 de setembro de 1917, no Palacete Celso Werneck. Após a criação da associação, quando essa primeira tentativa de instituir uma escola especializada já havia sido interrompida, a *Sociedade Mineira de Belas Artes* patrocinou a *Escola de Belas Artes*, em 1928, onde Mattos lecionou gratuitamente por quatro anos. Em 06 de janeiro de 1932, a escola é recriada e passa a ter subsídio estadual, sob o nome de *Escola de Belas Artes de Minas Gerais*, funcionando no Salão Nobre do *Teatro Municipal de Belo Horizonte*. Essa escola prosseguiu como *Fundação Mineira de Arte* (FUMA).

Mattos, durante as décadas de 10 a 30, foi um reconhecido fomentador das artes em Minas Gerais, mencionado com grande relevância nas introspecções sobre o mundo das artes plásticas do período. Eduardo Frieiro o descreve como “principal propugnador”³⁰ de toda iniciativa de caráter artístico da época.

²⁹CLEMENTE, José. *Jornal Estado de Minas*, p. 271.

³⁰S/AUTOR. *Diário de Minas*, 09 de Junho de 1918, p.1.

Aníbal Mattos exibe influências romantistas e impressionistas na sua arte plástica, tanto no traço e nas cores utilizadas, quanto nos temas abordados. As pinturas de Mattos, no decorrer do seu longo período de produção, tematizam paisagens (como *Crepúsculo*, 1940, e *Ipê amarelo*, s/d), retratos (como *O jardineiro*, 1915, e *Figura de mulher*, s/d) e personagens religiosos (como *Judas traidor*, 1910, e *São João Batista*, s/d). Entretanto, apesar da pintura de Mattos apresentar elementos impressionistas e temas acadêmicos, não necessariamente Mattos tenha se posicionado contrariamente à transformação estilística do modernismo. A atuação do pintor fluminense no meio artístico, como discutido até o momento no presente texto, foi de agenciamento de eventos e criação de instituições, fomentadoras também de eventos modernistas, de modo que suas opções estilísticas, talvez conservadoras, não implicam uma rigidez em todas as ramificações da sua atuação.

Cristina Ávila Santos em *Modernismo em Minas – literatura e artes plásticas: um paradoxo, uma questão em aberto* aponta Aníbal Mattos como um dos responsáveis pelo desenvolvimento tardio do modernismo em Minas Gerais. Segundo Santos,

Não vimos em suas exposições [de Aníbal Mattos] e no decorrer de sua função como presidente da Sociedade Mineira de Belas Artes nenhuma manifestação ou alguma tentativa de renovar a arte mineira. Ao contrário, a sua atitude é sempre bastante conservadora, classificando o "impressionismo" como o que há de mais novo em termos estéticos e formais.

A realização da exposição da pintora modernista Zina Aita, de curadoria do próprio Mattos, através da *Sociedade Mineira de Bellas Artes*, e as críticas favoráveis a essa exposição no *Diário de Minas* (tecidas por Mattos sob o pseudônimo de FLY) sugerem tentativas, por parte do pintor, de instigar o interesse do público em geral para as produções artísticas. Esses episódios, por outro lado, não demonstram uma vontade de Mattos de impedir a atuação dessa artista na capital mineira.

A exposição de Zina Aita, realizada no *Palácio do Conselho Deliberativo* em 1920, é identificada como um evento que revela os primeiros traços da modernidade artística em Minas, sendo uma experiência que antecedeu a própria Exposição de Arte Moderna de 1922. Em um momento adverso às manifestações artísticas revolucionárias, considerando o contexto provinciano e conservador de Belo Horizonte, a jovem pintora de 20 anos, de origem italiana e recém chegada de Florença, encontrou em Aníbal Mattos o apoio necessário para realizar sua exposição caracterizada por muitos como "bizarra".

Mattos ainda redigiu crítica favorável a Aita no jornal oficial do *Partido Republicano Mineiro*, o *Diário de Minas*. Nas palavras do próprio Mattos em uma entrevista para o jornal *Folha de Minas* em 31 de

Dezembro de 1944:

A Sociedade Mineira de Belas Artes patrocinou, com seus esforços, a 1ª exposição individual de arte moderna nesta capital e talvez no Brasil. (...) a da artista belorizontina Zina Aita, em uma das salas do conselho deliberativo. As colunas do *Diário de Minas* consagraram a jovem patriciã. A seção de arte do jornal era minha e foi com entusiasmo que incentivei seu esforço completamente novo no ambiente pacado de Belo Horizonte de ontem.

Estas informações, de que Aníbal Mattos promoveu a exposição da jovem Zina Aita e ainda teceu elogios à mesma em sua coluna de crítica de arte, lançam uma nova luz sobre a figura desse relevante promotor cultural das artes mineiras. Os memorialistas que resgatam a história das artes plásticas em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX não deixaram de exaltar a centralidade da figura de Mattos, que realizou numerosos feitos no campo intelectual da cidade, como lembrou Fernando Pedro da Silva. O pintor promoveu várias exposições de Belas Artes, incentivando a atividade artística local, além de ter reservado espaço permanente em seus artigos no jornal *Diário de Minas*, para assuntos inscritos no campo das artes plásticas. A imprensa escrita foi importante para a emergência da crítica de arte e também para o aumento da repercussão dos eventos artísticos que ocorriam em Belo Horizonte, na medida em que atraíam um número cada vez maior de interessados sobre o assunto.

Em um artigo redigido por Carlos Drummond em 1930, sob o pseudônimo de Antonio Crispim, o escritor alude à inexistência de animosidade entre Mattos e o grupo dos modernistas mineiros. Drummond recomenda em um trecho do artigo intitulado *Do artista desconhecido* que se visite a Sétima Exposição Geral de Belas Artes, de curadoria de Mattos:

Observemos ali o belo, tocante esforço mineiro no sentido de realizar qualquer coisa que seja o reflexo de nossas preocupações artísticas em período de câmbio vil e de vida cara, que não são propriamente matéria para alimentar os sonhos.³¹

Considerações Finais

Vista a importância da figura de Aníbal Mattos como intelectual e articulador dos vários campos de conhecimento e prática artística de Belo Horizonte, questiona-se a imagem negativa formulada em torno desse personagem. Vale destacar o papel de promotor cultural exercido por Aníbal Mattos que, à frente de várias instituições, atuou, todo o tempo, em prol da articulação de pintores, ilustradores, caricaturistas, cenografistas e, principalmente, em torno de um único ideal: o de difundir na nova capital a compreensão e o respeito às preocupações estéticas. Em torno da figura

³¹FRIEIRO, Eduardo. "As Artes em Minas". In: *Minas Geraes em 1925*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial: 1926, p.531-562.

poliforme de Aníbal Mattos, várias ambigüidades e polêmicas foram estabelecidas. Acusado de ser uma barreira ao desenvolvimento do modernismo em Minas Gerais, o pintor, por outro lado, pode apenas ter interpretado que a natureza estética da transgressão modernista seria mal recebida pelo mercado da provinciana Belo Horizonte. Em declaração do próprio pintor em entrevista à *Folha de Minas*:

Antes da agitação do problema modernista, que é afinal, uma forma violenta e precipitada da evolução que quer antecipar uma estabilidade positiva normal, nós agasalhamos em nossas exposições temperamentos arrojados³².

No entanto, não deve existir dissenso quanto à importância de Aníbal para o desenvolvimento da cultura belo-horizontina. Caracterizado, pelo jornalista do jornal *Estado de Minas*, José Clemente, em 29 de Junho de 1969, como o semeador, o pintor fluminense e sua relevância são sintetizados:

A arte em Belo Horizonte deve-lhe a pamposa existência de hoje. Ele a tirou do caos. Deu forma ao informe. Foi dela, incontestavelmente, comprou a da mente o pioneiro. Foi ele quem deu à capital personalidade da pintura. Antes dele, Belo Horizonte tinha sim seus pintores. A aglutinação, pela força de seu amor, abriu para a capital o mundo novo para ela desconhecido. (...) Em multiplicidade de rumos ninguém mais doou o Espírito entre vós. Viveu muito e fez muito. E porque viveu muito teve a recompensa que nunca falta no mundo daqueles que vivem muito: viu festejado e saboreados os frutos de sua permanente semeadura pelos que se esqueceram ou ignoraram que foi ele o extraordinário semeador. ³³

³²MATTOS, Aníbal. *Folha de Minas*, 31 de dezembro de 1944.

³³CLEMENTE, José. Aníbal Mattos, o Semeador. *Jornal Estado de Minas*, 29 Jun. 1969 (grifo nosso).